

Ser-só e ser-com em contos de Clarice Lispector e Florbela

Espanca: um estudo de “Obsessão” e “Amor de outrora”

Being-alone and being-with in short stories by Clarice Lispector and Florbela

Espanca: a study of “Obsession” and “Love of Yesteryear”

Luciana de Barros ATAIDE^{1*}

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Antônio Máximo FERRAZ^{**}

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Apesar de terem vivido em lugares e épocas diferentes, Florbela Espanca (1894-1930) e Clarice Lispector (1925-1977) têm em comum o fato de terem enfrentado a crítica literária em defesa da construção de um estilo próprio. Com abordagens diversas, as escritoras, em muitos de seus contos, construíram personagens femininas traduzindo momentos excepcionais, reveladores e determinantes da dualidade entre o “eu” e o “outro”, e expressando a relação que há entre amor e solidão. Logo, suas produções apresentam semelhanças no que diz respeito à análise introspectiva por meio da constatação da vida em curso. Partindo do aporte fenomenológico-hermenêutico, e por meio de duas narrativas dessas escritoras, “Amor de outrora”, de Espanca, e “Obsessão”, de Lispector, será possível compreender a literatura não apenas como a arte da palavra, mas como uma forma de conhecimento que desvela o homem numa nudez sem conceitos e como um ser excepcional na relação consigo e com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector. Florbela Espanca. Protagonista mulher. Amor. Solidão.

ABSTRACT: Although they lived in different times and places, Florbela Espanca (1894-1930) and Clarice Lispector (1925-1977) have in common the fact that they faced criticism for defending a unique style. With different approaches, the two writers, in many of their short stories, have constructed female characters who go through defining experiences that are representative of the duality between the “self” and the “other”, therefore expressing the relationship between love and solitude. Their narratives share similar introspective reflections on daily life. This essay makes use of a phenomenological-hermeneutic approach to analyze the short stories “Love of Yesteryear”, by Espanca, and “Obsession”, by Lispector. This analysis will help us understand literature not only as the art of the word, but also as a form of knowledge that unveils human beings in their state of nakedness without concepts, and as exceptional beings in relation to themselves and to others.

KEYWORDS: Clarice Lispector. Florbela Espanca. Female protagonist. Love. Solitude.

* Doutoranda em Letras, Estudos Literários, Universidade Federal do Pará, Departamento de Pós-Graduação em Letras, Belém, Pará.

** Orientador, Professor Doutor do Instituto de Letras e Comunicação/ILC e do Programa de Pós-Graduação/PPGL da Universidade Federal do Pará, Belém, Pará.

1. Claras floradas iniciais

Será o amor uma relação entre um eu e um tu, dominados por um sentimento indizível e indefinível? Ou será o amor o diálogo de uma relação intersubjetiva? Pensar o conceito de amor em nossos dias mostra-se muito necessário por nunca antes se indagou tanto, e de forma tão intensa e repetida, sobre o rumo das relações amorosas. É verdade que talvez ninguém saiba muito bem se essas relações vão a algum lugar, mas também é verdade que, nos últimos anos, têm proliferado inquietações que resultaram em manuais de sobrevivência acerca dos relacionamentos afetivos.

Por essa razão, a primeira atitude a se adotar para se pensar o amor é saber que Amor precisa ser visto como Amar, e mais ainda, adotar uma atitude de forma a unir os conceitos, uma vez que, conforme afirma Manuel Antônio de Castro (2011), “Quem ama é. Quem é, ama.” (p. 292). Portanto, é preciso conceber a relação amar e amor enquanto pensamento para que se vigore a unidade, não o duplo, pois “à beira do amor estamos nós” (LISPECTOR, 1999, p. 71).

De forma semelhante ao amor, outro sentimento é indissociável da existência humana: a solidão. Como o homem se comporta com o ser solidão? Qual o lugar da solidão na experiência humana? Gaston Bachelard, na obra *A chama de uma vela*, diz que “Um homem solitário, na glória de seu ser só, acredita às vezes poder dizer o que é a solidão. Mas a cada um cabe uma solidão” (2002, p. 57). A história do homem é a luta para não se subsumir à solidão. Ele nasce só, mas vive acompanhado porque este é o modo humano de se inventar, de dar a si mesmo uma existência; mas morre só, visto que, no morrer, ninguém o acompanha. Nascer, significa romper com uma condição e criar outra (WINNICOTT, 1990). A existência possível como humano é feita a partir de um estado de solidão inaugural e a constituição da história do homem é feita no embate com a solidão e na busca do encontro que possa efetivar-se como unidade; uma busca que está entre a solidão existencial originária e o questionamento sobre a morte.

Dentro dessa linha, Florbela Espanca, em seus versos, falou muito sobre a dor por ter expressado sua angústia através da escrita. Assim, teve na linguagem uma maneira de tentar contornar o vazio existencial em busca de um sentido que aplacasse sua angústia frente à realidade. A poetisa escreve em grande parte sobre o “Eu”, como se estivesse tendo que defender a integridade do “Eu” frente a situações de desamparo, de busca, de amor e de solidão. Na literatura brasileira, Clarice Lispector apresenta

produções semelhantes, pois foi apontada como uma das mais expressivas escritoras a tematizar o drama da vida humana. Em suas obras convergem os problemas mais conflitantes da contemporaneidade. Neste contexto, a busca aparece como expressão de uma abertura da consciência do ser.

Em 1982, trinta anos depois da morte de Florbela Espanca, chega ao público o primeiro projeto de contos da escritora, *O dominó preto*. Nas narrativas que emergem dessa coletânea, é possível encontrar personagens sem máscaras, revelando a complexidade dos sentimentos inerentes aos seres humanos. O conto “Amor de outrora”, quarta narrativa da obra e escrita em terceira pessoa, apresenta a personagem Cristina que demonstra a liberdade feminina com relação ao corpo e às atitudes perante a sociedade; ao mesmo tempo, em alguns pontos, mostra-se confusa e distante de si e do outro devido à pressão social e moral envolta na posição que toma enquanto amante. Após anos afastada da cidade onde vivera a infância e os doces sonhos da adolescência, retorna e reencontra o seu primeiro amor. Ele, agora, casado e com um filho, torna-se, a princípio, obstáculo para que o amor de outrora pudesse ser retomado. Nessa produção, a dualidade inerente à condição humana se desponta: ao mesmo tempo em que a personagem busca a libertação das amarras sociais, rejeita-a em detrimento do interdito, pois, ao mesmo tempo em que “entrara no gabinete daquele médico, [...] dera com os olhos nele e sentira uma tão intensa emoção”, teve de “fazer apelo a toda sua coragem, a todos os seus hábitos de sociedade, para a disfarçar aos olhos da amiga” (ESPANCA, 2010, p. 68).

Já o conto “Obsessão”, com escrita datada de 1941 e pertencente ao grupo de contos escritos por Clarice Lispector em sua juventude, chega a público em 1979 em publicação póstuma no livro *A bela e a fera*. Narrado em primeira pessoa pela protagonista Cristina, é construído de forma que essa personagem exponha sua experiência a fim de esclarecer aspectos sobre si mesma e sobre a própria vida, e então apresentar o processo de transformação que se dá em seu interior a partir do contanto com o outro. No primeiro momento da narrativa, Cristina descreve sua infância comedida, tranquila e superficial:

Nasci de criaturas simples, instruídas pela sabedoria que se adquire pela experiência e se advinha pelo senso comum. Vivemos, de minha infância até meus quatorze anos, numa boa casa de arrabalde, onde eu estudava, brincava e movia-me despreocupadamente sob os olhares benevolentes de meus pais. (LISPECTOR, 1979, p. 43)

Mesmo descrevendo um ambiente tranquilo e sem conflitos, a protagonista sinaliza a dependência do olhar do outro, já que nesse ambiente, muitas vezes, encontrava-se em estado de angústia e melancolia. Cristina, como “uma jovem qualquer”, tinha sonhos de se casar, ter filhos e “finalmente ser feliz” (LISPECTOR, 1979, p. 45). Então, casa-se aos 19 anos com Jaime, homem de temperamento pouco ardente e que ela considerava como prolongamento de seus pais e de sua casa. Até certo momento da narrativa, o comportamento de Cristina é descrito dentro do modelo para o qual a mulher brasileira dos anos 40 era destinada: ser comedida, boa esposa, contribuindo para o sucesso do marido e organização da casa. A vida da protagonista girava em torno das quatro paredes que sustentavam seu mundo: “Jaime. Eu. Casa. Mamãe” (LISPECTOR, 1979, p. 45).

Logo, as duas personagens – que denomino Cristina I e Cristina II –¹ demonstram que amor como ser-com é por excelência o mais notável dos encontros, porque é sinônimo de acolhida e crescimento e, desta forma, é uma das possibilidades de acompanhamento mútuo mais decisivos na vida do homem.

Ao se deparar com Manuel, Cristina I confirma a busca pelo outro, uma vez que foi a um médico por ter se tornado “uma triste padecente dos nervos” (ESPANCA, 2010, p. 65) e, após reencontrar “Manuel! O seu amor, o seu primeiro, o seu único amor de verdade!” (Ibidem, p. 68), evocou “todos os pequeninos mistérios do pequeno ser voluntarioso e fantástico, sedento de vida, tonto de verdade e de beleza, que ela tinha sido” (Ibidem, p. 69).

O despertar a partir da presença do outro é também visto na personagem Cristina II. Depois da necessidade de viajar por causa de uma doença, Cristina é “lançada a uma liberdade”, conforme ela mesma afirmara, e conhece Daniel em decorrência da escuta de uma conversa entre o rapaz e outro hóspede da pensão em que estavam. Pelo diálogo acompanhado, ela se sente atraída por Daniel:

E a mim, surpresa e divertida: nunca ouvira alguém insurgir-se contra o trabalho, “uma obrigação tão séria”. O máximo de revolta de Jaime ou de papai concretizava-se apenas em forma de lamento, sem importância. De um modo geral, nunca me lembrara de que se pudesse não aceitar, escolher, revoltar-se... (LISPECTOR, 1979, p. 49)

¹ Pelo fato de as duas personagens serem denominadas Cristina, optei por referenciar como Cristina I a personagem do conto “Amor de outrora”, de Florbela Espanca, e Cristina II a personagem do conto “Obsessão”, de Clarice Lispector.

Ela, que estava acostumada com uma vida sempre no mesmo ritmo de obediência, aprendera com o pai a importância das relações de trabalho na vida do indivíduo, uma aprendizagem que se estendera para depois do casamento apesar do comportamento do marido Jaime. Sentiu-se, então, fortemente atraída por Daniel e, por mais que tentasse evitá-lo, tudo foi um esforço vão, pois “percebera, através das palavras de Daniel um descaso pelo estabelecido” (LISPECTOR, 1979, p. 49), o estabelecido apresentado pelo pai, em relação às preocupações sociais e morais, e que, posteriormente, passou a viver com Jaime.

Dessa forma, a proposta é expor, através da análise interpretativa das duas narrativas, as duas personagens como indivíduos que se veem na difícil condição de construtoras de si mesmas e que, mesmo assim, transcendem as circunstâncias mundanas fora de si e olham para suas possibilidades ontológicas. Neste contexto, a arte se apresenta como uma forma de revelação do Ser. Isso só é possível porque a arte possibilita a revelação da verdade de algo, e essas narrativas mostram seres para os quais a realidade imediata interessa à medida que provoca reflexões na consciência individual. Assim, o cenário externo não constitui apenas lugar de suas ações, mas ambiente que reflete a agitação interna de quem se sente existencialmente perdido e não vê, ao redor, um espaço onde possa aplacar o tormento.

As duas personagens saem processo de entificação no qual personagens se encontravam – e que desencadeara um estado doentio para ambas – para se constituírem enquanto “ser”. A definição de “ser” é fugidia porque o ser dos entes não pode ser constituído por outro ente; muito menos há um modelo de ser que possa ser utilizado como parâmetro para definição, porque desta forma não haveria a construção da identidade humana, uma vez que esta se faz individualmente. Por isso, Heidegger diz que “a impossibilidade de se definir o ser não dispensa a questão de seu sentido, ao contrário, justamente por isso a exige” (2001, p. 29). Cabe então lembrar que impossibilidade de definição do ser implica o movimento contínuo de dar forma e sentido às coisas e impõe a necessidade de flagrar o ser como ato e não como coisa formada.

Assim, a saída do processo de entificação ou de anulação a que essas personagens estavam subjugadas se deu pela busca do outro, pelo enfrentamento e pela transgressão do interdito: Cristina I tinha o casamento de seu amado como o tabu para a

concretização amorosa; Cristina II tinha o próprio casamento como o interdito social. A atitude das duas Cristinas mostram que o amor, que consiste na proteção mútua, é o compasso dessas duas narrativas e é o que marca a escuta e o aprendizado, pois, pelo amor, quebra-se o grande mistério de se ser apenas um. Porém, mesmo com a busca e a presença do amor, não se pode abandonar a solidão, pois se por um lado não se pode dispensar o fato de este ser amor, é incontestável o fato de este ser também solidão.

2. Busca, amor e solidão

O ser não é outra coisa senão o seu modo de se dar na sua própria essência entendida como o projeto que o constitui. Nessa constituição ele vive a solidão: Solidão da busca, da efetivação, da perda, da conquista, da dor, da ausência, do ódio, do prazer, do pertencer, do morrer, da felicidade, da infelicidade, do encanto, do encontro, do desencontro, do sexo, do nascer... Em tudo o que é mais forte no homem, ele é solitário. Na fusão do beijo, entre os amantes, cada um sente a seu modo o ressoar da vida do outro na sua; no gozo, cada um se perde como individualidade para o outro, mas se recolhe como sensação e vive o sentir de acordo com sua história de toque.

Assim, ao se pensar nas personagens Cristina I e Cristina II, fica evidente que a busca pelo amor ocorreu em circunstâncias e desejos diferenciados, mas o percurso narrativo apresentado por essas duas mulheres ganha aspectos de proximidades por proporcionar características comuns como o amor e a solidão, dois elementos que mantêm relação intrínseca com o estado de falta. Outra contiguidade na vida experienciada por essas duas mulheres está na marcação do antes, do durante e do depois da vivência do amor. Isso porque o amor experienciado por elas é um divisor de águas na relação com o mundo e consigo mesmas, pois, por meio dele, ambas passam da integração cega aos lugares, funções e valores dominantes, vinculados à ordem social, para uma posição crítica e solitária, na qual a autoconsciência se articula com a melancolia e com certo mal-estar no que diz respeito à mulher na sociedade e na cultura. As duas confirmam que o amor é um ato solitário. Dessa forma, a atitude dessas mulheres manifesta um impasse entre a consciência crítica por elas conquistada e o limite de suas possibilidades de libertação das coerções sociais a fim de viverem a própria solidão, tomando-a como autoconhecimento.

Pelo viés do amor o homem se une e se constrói enquanto mundo, homem e outros. Para Melanie Klein, “Sempre que podemos admirar e amar alguém – ou odiar e desprezar alguém – também ficamos com algo dele em nós e nossas atitudes mais profundas são plasmadas por essas experiências” (KLEIN, 1975, p. 17). Pelo amor, constituímos o mundo com o outro, mas, como afirma Comte-Sponville,

O amor não é contrário da solidão: é a solidão compartilhada, habitada, iluminada – e, às vezes, ensombrecida – pela solidão do outro. O amor é solidão sempre, não que toda solidão seja amante, longe disso, mas porque todo amor é solidão. Ninguém pode amar em nosso lugar, nem em nós, nem como nós. Esse deserto, em torno de si ou do objeto amado, é o próprio amor. (2000, p. 31)

“Quer ou não desfrute de relacionamentos íntimos, os seres humanos precisam sentir que participam de comunidade mais ampla que a constituída família” (STORR, 1996, p. 33) e, por isso, ao se reencontrar com Manuel, Cristina I “pôs-se a desejar, numa doentia obsessão de todas as células de seu corpo, o corpo do homem escolhido, e a sua boca, sem querer, começou a chamar, vivo e ardente, o beijo ignorado da boca tão amada” (ESPANCA, 2010, p. 74). Nutrida pelo mesmo sentimento, o desejo de Cristina II por aquele homem desconhecido se intensifica quando ele afirma que “As realizações matam o desejo” (LISPECTOR, 1979, p. 50). As falas de Daniel levam Cristina II a entrar em contato com o primado do desejo, de seus desejos antes tão desconhecidos, principalmente o desejo de busca por esse eu também desconhecido.

O encontro com esse outro irá resultar, para as duas personagens, num longo e grande aprendizado: aprendizado de sua condição, aprendizado da dor e, sobretudo, aprendizado do amor, pois nessas narrativas, o amor não sentimentalidade ou condescendência é querer o outro como liberdade e iniciativa. Isso porque amar, enquanto ser uno, é querer o outro enquanto ser si mesmo, sujeito de suas ações que são a porta e janelas do ser, pois, “no amor, destino-me ao outro, mas com vaga consciência de que vou também ao encontro do meu destino” (LUIJPEN, 1996, p. 316).

Então, ainda que tenha sido necessária a presença do outro para que essas personagens pudessem refletir acerca da própria condição, não se pode descartar que se trata de personagens que rompem a crosta daquilo que, em sentido lato, pode-se denominar “hábitos sociais” – ou seja, um conjunto de formas habituais de comportamento e de compreensão da existência – para constituírem-se por meio de suas escolhas. Pelo que foi exposto, até o momento, acerca de Cristina I e Cristina II é

possível perceber, analogicamente, que em grande medida o indivíduo recebe a vida feita, pois o eu social é um princípio anônimo e objetivo, uma estrutura à qual deve se adequar para a inserção em determinado grupo. Logo, a consciência de existir é rara e são as escolhas que se fazem individualmente que vão proporcionar o grande salto da destituição da entificação.

Por sua escolha, Cristina I foi ao encontro do ser amado: primeiro como “um lírico entretecer de coisas claras”; depois, com “olhos que se desviavam pestanejando, inquietos, a fugir à chama envolvente doutro olhar”; e, por fim, “amaram-se de novo como se tivessem deixado de se amar, como se ele a tivesse ainda virgem nos seus braços, e ela, liberta de grilhões, junto ao seu peito, como se a vida tivesse parado para eles e começassem a viver outra vez” (ESPANCA, 2010, p. 74). Por sua vez, Cristina II tinha a consciência de que “Daniel era o perigo” e mesmo assim “para ele eu caminhava” (LISPECTOR, 1979, p. 49).

Tais procuras e tais entregam revelam que o amor enquanto tendência ativa em direção ao outro é acabamento do próprio ser, encontrando certa complementaridade de seu ser-com. Por isso, só pode ser frutífero com o livre consentimento do outro que também clama fundo, a partir de sua solidão, pelo encontro. Porém, como inclinação, o amor cria um nós, um junto que só pode ser exprimido no acabamento e na felicidade. E para que esse movimento se dê, o caminho tem que ser a verdade de si mesmo. Caso contrário, o ser se inclinará à solidão. Segundo Heidegger, o homem

se encontra em um ser-com os outros, pois essa constituição essencial do ser-
aí humano, o fato de ele ser, por sua formação originária, o ser-com os outros
implica que o homem facticamente existente já sempre se movimenta
necessariamente de maneira fática em um determinado modo do ser-com,
[...] em um acompanhamento. (HEIDEGGER, 2003, p. 238)

Contudo, mesmo que a linguagem una o ser separado, conforme se dera a união das duas personagens, é preciso que o ser amado, também, em sua solidão, seja nutrido pelo mesmo desejo de liberdade, pois o homem é aquele que deve mostrar o que é, pois ele só é à medida que se torna manifestação de sua própria existência, desvinculando-se dos fatos sociais. Segundo Ortega y Gasset,

Desse fundo de solidão radical que é, sem remédio, nossa vida, emergimos,
constantemente, numa ânsia de companhia. Quereríamos achar aquele cuja
vida se fundisse integralmente, se interpenetrasse na nossa. Para tanto,
realizamos as mais várias tentativas. Mas a suprema, entre elas, é a que

chamamos de amor. O autêntico amor não é senão o intento de permutar duas solidões. (1973, p. 21)

Então, na busca dessa permutação, as duas personagens, por um instante fraquejam, demonstrando a anulação do indivíduo relacionado à massa dos homens comuns que se concentra nos objetos externos e posições para, assim, condicionar sua felicidade. Isso porque, na vida cotidiana, é comum as pessoas se esquivarem de refletir acerca da própria condição de ser-no-mundo, a fim de se concentrarem na existência das coisas, o que implica a cristalização do ser, num contorno existencial definido, tonando-se, com isso, uma pessoa comum. Logo, Cristina I, mesmo na sede de ver Manuel, de ambos viverem do mesmo sopro de vida, não pode se furtar dos “brados de indignação dos virtuosos sustentáculos da moral” (ESPANCA, 2010, p. 75). Da mesma maneira, Cristina II fora moldada pela obsessiva aceitação dos fatos sociais.

Com isso, nota-se que, nas duas produções literárias, o comportamento humano e a luta com o poder expressivo da linguagem foram temas preferenciais da meditação filosófica das personagens, uma vez que colocaram a atualidade do “fazer-se” por meio da palavra instauradora de sentido antes das determinações estáticas do ser. A realidade primeira de estar-no-mundo é a de que a ação possibilita a própria construção do ser, e estudá-lo é indispensável para o entendimento de que não existe um modelo definido sob o qual a criação ficcional possa ser elaborada, uma vez que o humano é constituído pela heterogeneidade e não pode ser compreendido por meio de um esquema pré-estabelecido de valores e normas. Mais uma vez cabe lembrar a importância da arte no sentido de instalar um mundo, no sentido de provocar uma abertura nova; mais ainda, por a arte ter como característica a irredutibilidade ao mundo, uma vez que não se esgota no ultrapassar o mundo, e, ao abri-lo, funda-o. Isso lembra o posicionamento de Gianni Vattimo acerca da importância da arte. Para ele, “a obra é abertura da verdade ... porque nela está realizada a verdade não só como desvelamento e abertura, mas também como obscuridade e ocultamento” (VATTIMO, 1996, p. 116).

Assim, pelo viés da essência do verdadeiro, ou seja, pelo des-ocultamento de ser e ente, cada personagem, a seu modo, toma uma atitude diante da situação a que se colocaram. Cristina I, mesmo após a transgressão de reviver sua história de amor, sucumbe ao julgamento e aos fatos sociais “e, de repente, agrilhoados aos preconceitos e às cadeias mais austeras do dever, longe um do outro, principiou a emagrecer, a definhar-se” (ESPANCA, 2010, p. 75). Esse aspecto doloroso da existência de ter que

conviver com as mudanças incompreendidas do ser é também visto na personagem Cristina II quando esta precisa retornar à vida de antes de conhecer Daniel por causa da doença de sua mãe. Nessa fase, as dificuldades de readaptação são desencadeadoras de angústias quase incontroláveis:

Eu disfarçava a angústia e inventava um pretexto para me retirar por alguns momentos. No quarto mordida o lenço, sufocando os gritos de desespero que ameaçavam minha garganta. Caía na cama, o rosto afundado no travesseiro, esperando que alguma coisa acontecesse e me salvasse. Começava a odiá-los, a todos. E desejava abandoná-los, fugir daquele sentimento que se desenvolvia a cada minuto, mesclando uma piedade deles e de mim mesma. Como se juntos fôssemos vítimas da mesma e irremediável ameaça. (LISPECTOR, 1979, p. 66)

O encontro com a angústia, para as duas personagens, deve-se, principalmente, ao fato de que os outros lhe parecem estranhos e incompatíveis, com consciências “envenenadas”. Como as duas estavam em um processo de constituição de um eu que não encontra afinidades com algo que lhe seja familiar, afastam-se cada vez mais dos outros e de si mesmas. Em contrapartida, na busca de compreenderem o processo de transformação pelo qual passaram, as duas personagens acreditam que a presença do outro é necessária para que sobreviva o desejo de descoberta e de conhecimento. Devido a isso, toma, cada uma, a decisão de ter esse outro por perto. Cristina I, após receber uma carta de Manuel, decide, cheia de orgulho e de desafio, dizer “sim” e, “no dia seguinte, o seu primeiro cuidado quando se levantou foi escrever numa grande folha de papel, branco, nitidamente, simplesmente, como ele tinha dito, a palavra: ‘Sim’” (ESPANCA, 2010, p. 79). Já Cristina II, após não conseguir afinidades dentro da família e se afastar cada vez mais dos outros e de si mesma, busca a figura de Daniel: “Afim, o que eu era agora, sentia, senão um reflexo? Se abolisse Daniel, seria um espelho branco” (LISPECTOR, 1979, p. 65).

Instigadas pelo desejo, as duas personagens entram em um processo de transformação relacionado ao desejo da busca de si e de permutação com o outro, cada uma a sua maneira. Nesse aspecto, mais uma vez se faz presente a filosofia heideggeriana no que se refere ao fazer originário do ser. No tratado filosófico *Ser e tempo* (2001), Martin Heidegger diz que o homem não é criatura passiva; ao contrário, ele é criador do mundo existente. Nesse caso, pode-se dizer que a verdadeira existência do homem consiste em instituir o seu próprio destino no modo como se relaciona com os seres ao seu redor. É nesse sentido que se colocam as personagens florbeliana e

clariciana: a realidade, antes vista como a adequação do ser a um modelo pré-determinado, mistura-se com a sua execução. Cabe lembrar que, embora Heidegger pouco tenha usado o termo “homem”, este pode ser entendido pela estrutura do *Dasein*, traduzida na versão utilizada nesse estudo por “pre-sença”.² Já que é na pre-sença que o homem constrói o seu modo de ser, ele não se esgota em sua exteriorização; logo, é necessário partir das coisas como elas se apresentam para encontrar o ser.

Essa autoconstrução de que fala Heidegger, partindo da pre-sença, é o que ocorre com as personagens de Florbela e Clarice. Despertadas para a busca do autoencontro, essas duas mulheres iniciam o processo de construção no que se refere ao modo de ser, a suas existências, suas histórias e seus amores. Portanto, decidia pelo “sim”, Cristina I vai ao encontro de Manuel. Do mesmo modo, Cristina II, acreditando que a presença de Daniel fosse o necessário para que sobrevivesse seu desejo de descoberta e de conhecimento, decide retornar para ele “como quem se aninha nos braços do inimigo para estar longe de suas flechas” (LISPECTOR, 1979, p. 68).

Em sua busca, Cristina I descobre, pelo filho de Manuel, que o seu grande amor havia chorado diante da presença do filho, pois estava decidido a abandonar o lar para que pudessem viver juntos. E, assim, ao se deparar com o filho de Manuel e tomar conhecimento da atitude do pai do garoto, a personagem florbeliana

Abriu lentamente a saca de couro onde brilhavam, num monograma discreto, as iniciais de se nome, e tirou de lá uma carta, que entregou ao pequerrucho. Ele abriu-a, tirou a folha de papel e tornou a entregar-lhe o envelope inútil, que ela rasgou aos pedacinhos, atirando-os num doce gesto cansado. (ESPANCA, 2010, p. 81)

Já a personagem clariciana, após decidir retornar para Daniel, vai, aos poucos, percebendo que a vida ao lado deste homem foi se tornando morna e silenciosa, o que a narradora nomeia de morte ideal. Relata a protagonista: “Já não o ouvia fremente, exaltada, como outrora. Eu nele entrara. Nada mais me surpreendia” (LISPECTOR, 1979, p. 75). Será nesse ambiente morno e indiferente que eclodirá o clímax do conto, pois a narradora é despertada por um desapontamento, a ponto de se esgotar todo o desejo e interesse de estar ao lado de Daniel:

² É necessário esclarecer os motivos pelos quais em *Ser e tempo* preferiu-se utilizar a expressão “pre-sença” para traduzir *Dasein*. A tradutora assim se explica: “É na pre-sença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história, etc.” (SCHUBACK apud HEIDEGGER, 2001, p. 309).

Servira já o meu tempo de escrava. Talvez continuasse a sê-lo, sem revolta, até o fim da vida. Mas servia a um deus... E Daniel fraquejara, desencantara-se. Precisava de mim! Repeti mil vezes depois, com a sensação de ter recebido um belo e enorme presente, grande demais para meus braços e para meu desejo. E o mais estranho é que acompanhava esta impressão uma outra, absurdamente nova e forte. Estava livre, descobri, afinal... (LISPECTOR, 1979, p. 77)

Cristina II parece perceber que a força opressora deste homem perdera o sentido. Embora tenha sido, por muito tempo, instrumento que a despertou para a busca do autoconhecimento, naquele momento vê que não se moldara totalmente ao/no outro e que precisa seguir em frente, buscando novos caminhos. Nessa possibilidade, reflete: “De que matéria sou feita onde se entrelaçam mas não se fundem os elementos e a base de mil outras vidas? Sigo todos os caminhos e nenhum deles ainda é o meu. Fui moldada em tantas estátuas e não me imobilizei...” (LISPECTOR, 1979, p. 77).

Assim, enquanto em Cristina I desponta o sentimento de solidão solitária de antes, Cristina II retorna à vida conjugal mantendo a consciência da solidão acompanhada. Em Florbela vê-se a permanência da busca do autoconhecimento da personagem por meio da consciência de que “tudo se derrete neste mundo” (ESPANCA, 2010, p. 82). Em Clarice vê-se a contínua busca de algo que dê sentido à vida, com a consciência de que “quanto a mim, continuo. Já agora sozinha. Para sempre sozinha” (LISPECTOR, 1979, p. 82). Isso se explica porque o compromisso com a própria solidão é um modo de se ter devolvido ao mundo dos outros com uma plenitude maior.

Dessa forma, as personagens analisadas mostram a continuidade do projeto existencial que consiste na possibilidade de transcender o meramente dado por meio de seu processo de evolução interna, configurando o que Heidegger diria em relação à distinção de ser homem e ser coisa. Para ele, não se pode ser homem como se é pedra, céu ou árvore porque o homem é convocado à humanidade, ou seja, a tornar-se homem. Como não há um modelo prévio de existência, o ser não tem outro recurso senão transcender para o poder-ser, assumindo, com isso, todos os riscos inerentes a tal atividade. Cristina I e II assumem esse risco quando decidem continuar na busca de algo que dê sentido à própria vida, ou seja, quando decidem continuar o projeto existencial.

Nesse sentido, não se pode furtar de um pensamento acerca da verdade que impera nas relações humanas – nas relações de ser-com e ser-só – apresentadas pela obra de arte que consiste na desocultação, na verdade que não só recolhe o que está explícito na palavra, mas que se empenha por experimentar o não-pensado, o que

permanece velado “no fundo da essência da verdade como correção” (HEIDEGGER, 1999, p. 82). Com isso, cabe uma reflexão: será que a concepção de verdade está gasta e não mais responde ao homem de hoje? Será que o esfacelamento e a superficialidade das relações humanas são também decorrência deste fato?

O que se pode dizer, ao menos por meio do fazer da obra de arte, é que o estado de não ocultação, que os gregos chamam de *aletheia*, é o acontecer da verdade proporcionado pelo ser-obra da obra de arte no sentido de ser um campo aberto. A escolha das duas Cristinas pela solidão explica-se pelo fato de que o campo aberto pela obra de arte estabelece um mundo e o sustenta na tensão em que se desdobra o jogo do ocultar-desvelar.

Considerações finais

Se o amor e a solidão estão presentes como categorias de entendimento e de definição do homem nos contos de Florbela Espanca e Clarice Lispector é porque a solidão é o lugar do reencontro do homem consigo mesmo, da reconciliação e da redescoberta. E o fator fundamental no encontro do outro é a capacidade de se doar; é a capacidade de amar. Pela descrição das duas personagens, é possível notar, na composição dessas narrativas, que a concepção de mundo nelas retratada nada tem a ver como algo estático e acabado, já que a relação ser-mundo é organizada partindo do interior do homem em um processo de *volição* pessoal. Assim, fica nítida a percepção de que o homem não é um ser feito, mas um ser que se faz e cuja única predeterminação é a de ter de se fazer até seus últimos detalhes. Dessa forma, contrário à visão de que o homem encontra-se inserido num mundo que independe dele, é ele o próprio instaurador do sentido do mundo por meio de seus atos. Como o ser está em constante transformação, não há identificação com nenhuma forma fixa, como pode ser observado nas condutas das duas personagens. Logo, não há outro recurso a não ser a busca do autoconhecimento, assumindo, com isso, todos os riscos inerentes a tal atividade. Nesse sentido, a linguagem e o ser devem ser os pontos primordiais dessa busca, pois são dois aspectos que propiciam uma maior abrangência acerca da constituição do mundo e da condição humana, proporcionando a construção da identidade do ser que se descobre como um poder-ser, como um ser-com e como um ser-só.

O mais importante neste estudo é perceber que tanto Florbela quanto Clarice, além de apresentarem uma paixão pelo viver e pelo fazer literário, inserem na literatura

uma concepção de mundo marcada pelo desnudamento da existência e pelo deciframento das categorias do existir por meio do amor e da solidão, contribuindo, cada uma a seu modo, para a consolidação do projeto intimista da prosa em língua portuguesa e apresentando a obra de arte como o “fazer” que encerra seu próprio mundo; mundo fundado e instituído pela arte, realizando-se de forma atemporal, promovendo uma reflexão acerca do caminho do pensamento que obriga o interrogante a refletir sobre a proximidade entre pensamento e poesia.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CASTRO, M. A. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.
- COMTE-SPONVILLE, A. *O amor e a solidão*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ESPANCA, F. *O dominó preto*. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- HEIDEGGER, M. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001. Vol. 10.
- KLEIN, M. *O sentimento de solidão: nosso mundo adulto e outros enganos*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- LISPECTOR, C. Obsessão. In: _____. *A bela e a fera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. p. 41-82.
- _____. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LUIJPEN, W. A. M. *Introdução à fenomenologia da existência*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- ORTEGA Y GASSET, J. *O homem e a gente*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1973.
- STORR, A. *Solidão*. São Paulo: Paulus, 1996.
- VATTIMO, G. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.